
A VISÃO EUROPÉIA SOBRE A LITERATURA BRASILEIRA

*Maria Eunice MOREIRA**

*Perceber, ver, conhecer, eis, em verdade. O que o
desejo acende. É, pois, graças aos olhos que o coração
é incendiado.*

Giordano Bruno

Território disputado pelas coroas ibéricas, terra deslumbrante para todos que aqui aportaram, espaço idílico para aqueles que o descreveram, o Brasil, desde os primórdios de sua história, tem sido olhado pelos europeus. A perspectiva ou o interesse com que cada um olhou para esse objeto contribuiu para a descrição do país e determinou, muitas vezes, o rumo de sua história.

Quando o objeto da mirada é a produção literária, o olhar dos europeus foi determinante nos rumos que tomaria a literatura brasileira, a partir daí, como também foi decisivo para a história da literatura brasileira o registro que os historiadores europeus fizeram do material existente. Entre os primeiros a focar o olhar para os escritores e as obras existentes no Brasil, destacam-se o alemão Friedrich Bouterwek e o suíço Simonde de Sismondi, no período colonial, e, depois da Independência, o francês Ferdinand Denis e o português Almeida Garrett. Cada um mirou um ângulo ou uma faceta da literatura produzida no país e cada um orientou sua análise de acordo com seu olhar específico: a época em que viveu e os parâmetros estéticos que adotou.

Friedrich Bouterwek: o primeiro olhar

O primeiro europeu a dirigir seu olhar para as obras escritas por

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

brasileiros foi o professor da Universidade de Goettingen, Friedrich Bouterwek. Ao receber a incumbência de escrever a *História da poesia e da eloqüência portuguesa*, para integrar a série *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit* (História da poesia e da eloqüência)¹⁸, desde o século XIII, tornou-se uma referência sobre a literatura produzida no Brasil.

Como professor de Estética, Bouterwek orienta a história da literatura, enfocando-a sob os preceitos da estética neoclássica, o que o leva a valorizar o aspecto formal das composições. Voltado para essa perspectiva, analisa as obras destacando nelas a linguagem, o ritmo, a métrica, as influências colhidas em outros escritores, sem levar em conta o contexto sócio-cultural da produção dos textos. Assim ao registrar as obras e os autores existentes na colônia portuguesa, parte do pressuposto de que eles integram o corpo de literatos da metrópole e suas produções são consideradas como manifestações portuguesas.

Ao tratar da poesia portuguesa, Bouterwek abre espaço para dois autores nascidos no Brasil: o primeiro, Antônio José da Silva, apenas identificado por Judeu, é autor de peças de caráter extremamente popular, que adaptam o teatro cômico ao fausto da ópera italiana. Para o crítico alemão, as peças do Judeu em quase nada diferem, pois apresentam características idênticas, no que se refere ao espírito e ao estilo¹⁹. Em outro ponto, critica a estrutura das óperas cômicas, segundo ele *um estranho tipo de comédias híbridas*²⁰, onde se alternam farsas vulgares, com aventuras e acontecimentos extravagantes, inspiradas nas fábulas gregas e romanas. Nelas também não se constata a presença da influência francesa que poderia de certo modo redimir a pobreza das composições.

Lugar mais distinto cabe a Cláudio Manuel da Costa, por ser ele responsável pela introdução de um estilo nobre na poesia portuguesa, após a decadência constatada durante o domínio espanhol. Estudante em Coimbra, o poeta nascido no Brasil conhece e passa a imitar os italianos mais antigos, especialmente Petrarca, fato que se torna responsável pela posição que lhe concede o professor alemão. Além disso, Bouterwek observa nos poemas do mineiro o estilo sóbrio e a adequação da linguagem, o que o leva a afirmar que tais sonetos podem ser considerados os mais perfeitos da literatura portuguesa²¹.

A valorização dos sonetos sobre as demais realizações poéticas de Cláudio Manuel não restringe a avaliação do crítico para com as outras composições do brasileiro. Nos epicédios, encontra algumas qualidades, como nobreza, naturalidade e beleza de expressão; nas éclogas, reconhece algumas passagens excelentes; nas canções e cantatas, tidas

como imitações magistrais dos poemas italianos, encontra um valor insuperável.

Herdeiro de uma concepção clássica, Bouterwek avalia as obras sob o enfoque dos pressupostos estéticos da época, valorizando as produções pela fidelidade aos critérios formais. Com esse olhar, depreende-se por que deprecia Antônio José e suas óperas bufas. Na opinião do crítico alemão, a aceitação de Judeu pela Corte e pela sociedade lisboeta denuncia a incapacidade do público para apreciar obras de qualidade literária. Mas se compreende, por outro, por que o poeta de Minas Gerais merece a apreciação favorável de um professor de Estética: submetendo-se ao seu código, Cláudio valoriza a literatura de Portugal. Não importa a Bouterwek a nacionalidade do poeta ou os fatores de ordem sócio-cultural que influenciam sua produção. Na sua visão, Cláudio valoriza a literatura portuguesa e o Brasil somente é acolhido por produzir um poeta que assimilou o gosto e a forma dos clássicos.

A história da literatura escrita por Bouterwek apresenta alguns pontos singulares no que diz respeito à literatura brasileira. O primeiro, refere-se ao inventário de autores e obras apresentados: na sua relação constam os nomes de apenas dois escritores, o que não sustenta o empreendimento do professor de escrever uma história da literatura. Em segundo lugar, a avaliação feita pelo crítico confirma o seu desinteresse para com os dados relativos à nacionalidade desses escritores. O Judeu e Cláudio nasceram no Brasil, mas não são considerados escritores brasileiros. Em terceiro lugar, Bouterwek não menciona a situação colonial do país, mas deixa entrever que, em sua ótica, a produção da colônia agrega-se a outra, a da metrópole, o que sugere que a dependência política expressa também uma subordinação de ordem cultural: como o Brasil não constitui uma entidade autônoma politicamente, não registra uma produção literária independente.

Simonde de Sismondi: o olhar perspicaz

De formação cultural distinta da de seu antecessor, Simonde de Sismondi dedica-se aos estudos das manifestações literárias sob um ângulo globalizante e historicista, em consequência de sua formação. Estudioso dos problemas econômicos e interessado pela organização e funcionamento institucional dos povos, com dois livros publicados em Economia, Sismondi deixa seu olhar recair sobre a literatura produzida no Brasil, em 1813, quando publica *De la littérature du Midi de*

como imitações magistrais dos poemas italianos, encontra um valor insuperável.

Herdeiro de uma concepção clássica, Bouterwek avalia as obras sob o enfoque dos pressupostos estéticos da época, valorizando as produções pela fidelidade aos critérios formais. Com esse olhar, depreende-se por que deprecia Antônio José e suas óperas bufas. Na opinião do crítico alemão, a aceitação de Judeu pela Corte e pela sociedade lisboeta denuncia a incapacidade do público para apreciar obras de qualidade literária. Mas se compreende, por outro, por que o poeta de Minas Gerais merece a apreciação favorável de um professor de Estética: submetendo-se ao seu código, Cláudio valoriza a literatura de Portugal. Não importa a Bouterwek a nacionalidade do poeta ou os fatores de ordem sócio-cultural que influenciam sua produção. Na sua visão, Cláudio valoriza a literatura portuguesa e o Brasil somente é acolhido por produzir um poeta que assimilou o gosto e a forma dos clássicos.

A história da literatura escrita por Bouterwek apresenta alguns pontos singulares no que diz respeito à literatura brasileira. O primeiro, refere-se ao inventário de autores e obras apresentados: na sua relação constam os nomes de apenas dois escritores, o que não sustenta o empreendimento do professor de escrever uma história da literatura. Em segundo lugar, a avaliação feita pelo crítico confirma o seu desinteresse para com os dados relativos à nacionalidade desses escritores. O Judeu e Cláudio nasceram no Brasil, mas não são considerados escritores brasileiros. Em terceiro lugar, Bouterwek não menciona a situação colonial do país, mas deixa entrever que, em sua ótica, a produção da colônia agrega-se a outra, a da metrópole, o que sugere que a dependência política expressa também uma subordinação de ordem cultural: como o Brasil não constitui uma entidade autônoma politicamente, não registra uma produção literária independente.

Simonde de Sismondi: o olhar perspicaz

De formação cultural distinta da de seu antecessor, Simonde de Sismondi dedica-se aos estudos das manifestações literárias sob um ângulo globalizante e historicista, em consequência de sua formação. Estudioso dos problemas econômicos e interessado pela organização e funcionamento institucional dos povos, com dois livros publicados em Economia, Sismondi deixa seu olhar recair sobre a literatura produzida no Brasil, em 1813, quando publica *De la littérature du Midi de*

*l'Europe*²², audacioso projeto de quatro volumes, cujo último é dedicado à literatura portuguesa.

Canalizando essa visão para as realizações literárias, escreve sua obra e analisa as produções segundo os preceitos formais, numa linha semelhante à de Bouterwek, mas procura também enquadrar os fatos literários dentro do contexto de seu aparecimento. Desta forma, enfoca a literatura produzida no Brasil e na Ilha da Madeira como integrantes da literatura de Portugal, mas não deixa de atentar para os fatores políticos que individualizam as colônias.

O levantamento dos escritores inicia-se pela Ilha da Madeira e estende-se ao Brasil, *uma vez que a nação jovem, que provavelmente herdará apenas o gênio dos antigos portugueses, começou já a crescer e elevar-se além dos mares*²³. É nessa distante possessão ultramarina que ele encontra três poetas cujas obras integram o acervo português: Antônio José da Silva, o Judeu, Cláudio Manuel da Costa e Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

As observações do genebrino sobre a obra de Antônio José aproximam-no dos comentários de Bouterwek. A respeito do Judeu, invoca os fatos que o colocaram em cena em Lisboa e a pública acolhida de seus textos por parte da sociedade de Lisboa, no século XVIII, acrescentando as circunstâncias da morte do dramaturgo, queimado por ordem da Inquisição. No entanto, Sismondi, ao contrário de Bouterwek, *observa um certo espírito e originalidade*²⁴, nas suas criações, tanto no estilo como nos temas abordados.

Em Cláudio Manuel, confirma a superioridade da realização poética, mas anota, sobretudo, o lugar de origem do poeta, salientando que *o novo império dos portugueses, aquele sobre o qual repousam, doravante, todas as suas esperanças de independência e grandeza futura, começou por sua vez a cultivar as letras*²⁵, apresentando o mineiro como representante dessa atividade. Com isso, Sismondi já aponta os novos tempos vividos pelo Brasil, na fase posterior à da chegada da Família Real à colônia de além-mar, comprovando seu interesse pelos fatos de ordem histórica.

Contudo, é à obra de Silva Alvarenga que vai dedicar sua maior atenção, pela utilização, pelo poeta, das *imagens sugeridas pelas árvores, pelas borboletas, pelas serpentes da América*²⁶. E explicita objetivamente o aspecto de valoração da poesia de Alvarenga: *Ao cabo de tudo, o principal atrativo desses poemas é ainda sua cor local*²⁷.

A história literária de Sismondi demonstra uma perfeita sintonia

com aquela apresentada por Bouterwek. Afinal, o próprio Sismondi reconheceria *que seu antecessor tinha sido seu único guia para a literatura portuguesa*²⁸. Como Bouterwek, o elenco apresentado não confirma a existência de um patrimônio literário brasileiro, uma vez que Sismondi relaciona apenas um autor além dos mencionados pelo alemão. Por outro lado, sua visão amplia a abordagem sobre a literatura produzida no Brasil, na medida em que deixa entrever que o suíço está atento aos novos episódios históricos vividos pelo Brasil e que a mudança na ordem política brasileira pode direcionar a produção literária. Mas é sobretudo com o olhar do Romantismo (Sismondi aproximara-se do grupo de Coppet e de Madame de Staël) que vê a produção dos brasileiros, ressaltando num deles um aspecto que permite individualizar a literatura aqui produzida: a presença de uma certa *cor local*, creditada à representação poética da natureza brasileira.

Almeida Garrett: o olhar apaixonado

Almeida Garrett dirige seu olhar à literatura brasileira na obra *Parnaso lusitano*²⁹, na qual apresenta o estudo introdutório intitulado *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*³⁰. A obra, publicada em Paris, em dois anos, 1826 e 1827, constitui uma seleção de poesias de autores antigos e modernos de Portugal, abarcando um período que se inicia no século XVII e se estende até o século XVIII. Garrett escreve a história da literatura de sua pátria orientada por um olhar determinado: comprovar o momento de restauração nas letras portuguesas no último século. Nessa fase, situa os poetas brasileiros que, ao lado dos lusitanos, garantem o rejuvenescimento literário da *perdida língua de Camões*, o que deixa evidente que menciona os escritores da antiga colônia apenas porque eles podem confirmar a hipótese de que *agora começa a literatura portuguesa a avultar e enriquecer-se com a produção dos engenhos brasileiros*³¹.

Tomando essa direção, Garrett desconsidera o contexto sócio-cultural no qual os escritores produziram e tampouco manifesta-se sobre a recente independência política do Brasil. O olhar do crítico português recai sobre a produção poética de ultramar e incide sobre a linha temática dessa poesia, para nela valorizar os aspectos que se enquadram dentro da estética romântica. Com essa perspectiva, avalia a produção do Brasil na tentativa de aproximá-la à nova estética em vigor na Europa e de forma a valorizar o patrimônio de sua terra. Para isso, analisa os versos

de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Frei Santa Rita Durão, Basílio da Gama e menciona o dramaturgo Antônio José.

Garrett inicia seu registro por Cláudio Manuel que, segundo ele, desfruta de posição privilegiada não só porque *O Brasil o deve contar seu primeiro poeta*, mas principalmente porque, nas letras, Portugal *o deve contar ... entre os melhores*³². A posição do mineiro advém do fato de que ele pode rivalizar com os melhores poetas europeus, principalmente entre os que se deixaram influenciar pela poesia de Metastásio. Apesar dessas considerações positivas, Garrett aponta na produção artística de Cláudio Manuel e, de modo geral, na poesia dos brasileiros, uma carência: os autores de além-mar não vêm aproveitando como deveriam as sugestões provenientes de natureza tão exuberante. Para ele, *as majestosas e novas cenas da natureza daquela vasta região*³³ deviam ter dado maior inspiração para as composições poéticas desses jovens. Em outras palavras, Garrett constata em Cláudio boa realização poética, quando versifica sobre os temas de inspiração clássica, mas exige dele e dos demais poetas uma modificação no estilo e na expressão pela influência da natureza americana. A presença dessas condições daria maior originalidade à poesia e garantiria ao escritor a manifestação do espírito nacional, até então maculado pela educação européia.

Com esse enfoque, volta-se ao *Caramuru*, de Santa Rita Durão, para fazer restrições quanto à leveza no tratamento do tema e na descrição dos quadros, o que provoca um *esfriamento* pela novidade do assunto. Garrett refere-se à fragilidade com que o poeta tratou de um episódio da história brasileira, cuja correta exploração e descrição poderia concorrer para a manifestação da poesia nacional. Em que pese, contudo, essa crítica, reconhece o valor do poema onde *o poeta se contentou com a natureza e com a simples expressão da verdade*³⁴. A observação é interessante e vai revelando para onde converge o olhar do crítico: o espaço brasileiro, mais especificamente o aproveitamento poético da natureza do país, transforma-se em parâmetro para a avaliação das obras.

A exigência de Garrett decorre mais da apropriação, por parte do crítico, dos padrões estéticos românticos do que do conhecimento da realidade brasileira e da possibilidade que ela manifesta como elemento de inspiração para os poetas. Garrett nunca esteve no Brasil e seu conhecimento da natureza americana proviria unicamente da leitura dos viajantes, da descrição de outros brasileiros que com ele conviveram ou da imaginação do crítico embebida dos ares românticos. Certo é

que, ao avaliar Gonzaga, novamente vai cobrar-lhe esse tópico e impor-lhe o cânone romântico: *quisera eu que em vez de nos debuxar ... cenas de Arcádia, pintasse dos seus painéis com as cores do país onde os situou*³⁵. Nesse caso, a poesia apresentaria identidade e autenticidade próprias e deixaria de incidir nesse erro fatal, no qual ela muito perdeu.

Dentro dessas condições, Garrett concede sua preferência ao poema de José Basílio da Gama, *O Uruguai*, por ele considerado o de maior mérito no patrimônio artístico brasileiro. Ainda que aponte incorreções no estilo poético, reconhece o valor da poesia pela presença de dois fatores: *ser mais nacional ... que nenhum de seus compatriotas brasileiros e descrever cenas naturais mui bem pintadas, de grande e bela execução descritiva*³⁶, o que permite encerrar seu juízo com o reconhecimento de sua superioridade: *os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nele é verdadeiramente nacional, e legítima americana*³⁷.

Ao longo do *Bosquêjo*, Garrett não assume uma posição autonomista em relação ao patrimônio literário brasileiro, nem se refere ao episódio da independência nacional, excluindo de sua análise os fatores de ordem política do Brasil. Fica evidente, no entanto, pelas ausências notadas, que o modelo de composição poética do crítico português centra-se na influência do meio sobre o produtor e que desse ambiente o poeta deve retirar os motivos para a sua criação literária. No caso brasileiro, o espaço circundante, principalmente representado pela natureza, e os motivos da história pátria podem conferir originalidade ao texto e, conseqüentemente, garantir o índice de nacionalidade buscado pela literatura brasileira.

O olhar apaixonado de Garrett, sugerindo que os poetas retirem inspiração da natureza americana, agrada à jovem geração romântica, porque o ponto de vista com que Portugal olha para o Brasil possibilita o desenvolvimento do programa romântico e incentiva a fundação da literatura do Brasil.

Ferdinand Denis: o olhar febril

Foi o francês Ferdinand Denis o primeiro a inverter o olhar sobre a literatura brasileira, até então enfocada pelos seus predecessores como patrimônio artístico de Portugal.

Naturalista e observador, Denis vinha dirigindo seus olhares à colônia portuguesa da América, anos antes da declaração da

Independência política, quando esteve no país visitando a tribo dos Botocudos e convivendo com os Machakalis. Em decorrência dessas observações, escreveu uma novela sobre os índios, o livro *Scènes de la nature sous les tropiques et leur influence sur la poésie* (1824), colaborou com H. Taunay na elaboração de uma enciclopédia sobre o país visitado e, em 1825, escreveu uma história do Brasil. Somente depois dessas experiências, em 1826, dirigiu seu olhar à literatura produzida no Brasil, no livro *Résumé de l'histoire de la littérature du Portugal*, com o anexo intitulado *Résumé de l'histoire de la littérature du Brésil*³⁸, onde desmembra a produção brasileira da portuguesa e estimula a autonomia literária, apresentando sugestões para sua concretização.

Entusiasmado com as condições particulares do território americano — natureza, clima, história, habitantes primitivos — Denis entende que o momento político enseja a exploração de uma literatura própria. Consoante com sua idéia de que a *América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo*³⁹, o autor assume uma posição autonomista e nacionalista que pode ser observada no decorrer de sua obra. Desde o primeiro capítulo até o último há um convite entusiasmado ao conhecimento da terra, à mirada à natureza americana, à descoberta dos hábitos e lendas dos aborígenes, à rejeição aos preceitos clássicos, pontos para os quais os escritores brasileiros devem olhar se quiserem criar uma literatura nacional e original.

Ao direcionar os olhares da geração romântica brasileira, a quem compete a tarefa de levar a cabo a iniciativa, Denis oferece a primeira lição para a prática literária: o tema da mitologia européia deve ser abandonado, porquanto esse motivo não se coaduna com um espaço novo, *estuante de juventude*⁴⁰, como ele afirma. Para o observador francês, os poetas devem colher sugestões e buscar influências dos elementos naturais que os cercam nessas regiões. Em outro sentido, Denis estimula o aproveitamento da natureza como motivo poético, como forma de concretização da poesia verdadeiramente livre: *Se os poetas dessas regiões fitarem a natureza, se se penetrarem da grandeza que ela oferece, dentro de poucos anos serão iguais a nós, talvez nossos mestres*⁴¹. Denis entende que a utilização do espaço geográfico natural será útil aos poetas que dele poderão retirar os motivos originais para a confecção de seus poemas. O naturalista entende que, ao levarem para a poesia os recursos sugeridos pela fauna e flora brasileiras, os poetas apresentariam um tema novo e, ao mesmo tempo, representativo do

continente americano, o que poderia garantir e a diferenciação do fazer poético. Desse modo, a natureza americana apresenta-se como o elemento original da poesia do Brasil e sua presença na literatura constituiria um marco diferenciador em relação à poesia portuguesa, assegurando à literatura brasileira a nacionalidade de sua expressão literária.

Preocupado com o rumo que tomará a poesia do Novo Mundo, Denis utiliza seu olhar insinuante para detectar outros recursos ou características que possam garantir a pretendida autonomia literária. Assim, ao constatar a presença dos diversos grupos étnicos que compõem a nação, descobre em cada um o ângulo positivo que pode ser canalizado para o exercício literário e sintetiza: *Quer descenda do europeu, esteja ligado ao negro ou ao primitivo habitante da América, o brasileiro tem disposições naturais para receber impressões profundas*⁴². Denis entende que a inclusão da contribuição de raças e culturas também pode diferenciar a composição poética brasileira.

Com esse olhar, sugere a preservação e o aproveitamento literário das histórias relacionadas aos povos primitivos americanos. As lutas, os costumes, as tradições e o lendário dos primeiros habitantes, se transferidos à literatura, excitam *fortemente a imaginação*⁴³ e contribuem para a exploração do maravilhoso, *tão necessário à poesia*⁴⁴.

Direcionado por esses pressupostos, Denis analisa as obras dos escritores brasileiros, iniciando pelo autor do primeiro poema épico escrito no Brasil, José de Santa Rita Durão. No *Caramuru*, salienta as qualidades no nível temático, lamenta a fraqueza da concepção no plano estilístico, *mas ressalta nele a sua cor local, incessantemente dominante*⁴⁵, afirmando ser esse o objetivo para o qual se deve dirigir a poesia americana. A mesma cor local observada no poema de Durão, Denis registra em *O Uruguai*, de José Basílio da Gama. No poema, o crítico depara hábil descrição do *Novo Mundo, onde vastas planícies se distendem*⁴⁶, demonstrando claramente que dirige seu olhar para valorizar o aproveitamento poético da natureza dos trópicos. Sua presença, nos poemas, garante maior originalidade à obra e conseqüente nacionalidade da literatura. Logo, ser original é ser nacional; esse critério diferencia uma nação da outra e individualiza-a num conjunto maior.

Na continuação do estudo, Denis focaliza um grupo de poetas, não lhes dispensando maiores comentários. Do elenco destaca Cláudio Manuel da Costa e Gonzaga, nos quais encontra melhor realização

poética, embora em ambos aponte aspectos para reprovação. Principalmente a crítica dirigida a Gonzaga é importante, na medida em que Denis volta a utilizar o conceito de nacional, sob outro enfoque. Em Cláudio, embora lhe reconheça a posição de um dos mais *notáveis escritores que existiram no Brasil*⁴⁷, desagrada-lhe a influência italiana e o tom europeu de suas metáforas. Em Gonzaga, exalta a graça de expressão e o encanto dos poemas, mas exproba o gosto pelas metáforas sugeridas pela mitologia. Desse modo, o mérito maior de Gonzaga não se encontra aí, mas na popularidade que o poeta desfruta pelas solidões *mais remotas no Brasil*⁴⁸. Cantado por toda parte, Gonzaga é reconhecidamente um poeta nacional, conceito agora firmado pela circulação da obra.

Considerado no seu conjunto, o *Resumo* de Ferdinand Denis importa não só pelo fato de ter sido a primeira obra a analisar a produção dos artistas nascidos no Brasil como fenômeno independente de Portugal, como também pela exposição de idéias que acabam se impondo junto à geração dos românticos brasileiros. Denis afirma uma posição favorável à concretização da autonomia literária da nação recentemente separada de Portugal.

Nessa direção, seu olhar arguto movimenta-se em torno de dois pontos: um, de caráter prático, inventaria o passado literário, para recolher a produção dos escritores do século XVII e XVIII, com o objetivo de organizar a vida literária do país; o outro, de caráter teórico, redige a lição para o desenvolvimento da prática literária, visando conformá-la, desde então, ao critério da originalidade. Para Denis, tanto um como outro aspecto não se apresentam suficientemente nacionais, mas a tarefa dos escritores é de levar a cabo a missão de nacionalizar a literatura.

Insinuante e apaixonado, o olhar de Ferdinand Denis recaiu sobre a literatura produzida no Brasil no momento em que os românticos, deslumbrados, a olhavam, mas não sabiam que atitude tomar. É seu olhar febril por esse país tropical que direciona o fazer literário: como historiador da literatura, organiza o passado literário, através de um arranjo conológico, mas também estético; como legislador, determina os caminhos a serem trilhados por aqueles que desejam criar uma literatura através de criações originais. Enfim, é por saber mirar os erros e acertos das gerações precedentes que Denis retira um modo de procedimento literário que orientará os futuros produtores da literatura brasileira.

Um olhar conclusivo

A leitura das quatro histórias literárias sobre o patrimônio literário brasileiro retrata o olhar dos europeus sobre essa literatura, deixando filtrar as diferentes perspectivas com que cada um olhou para o mesmo objeto. Enquanto Bouterwek ajustou o foco para uma avaliação à luz de preceitos estéticos clássicos, Sismondi não o desajustou, mas foi capaz de perceber os ângulos da movimentação social interna e preconizar novos momentos para a literatura. Vendo de maneira diferente de seus antecessores, Garrett dirigiu seu olhar aos novos influxos estéticos, do que resultou uma mirada à literatura do Brasil que agradou aos brasileiros. Foi, contudo, Ferdinand Denis quem olhou e mostrou aos brasileiros as facetas mais diversas do objeto e apontou a eles onde deviam buscar os elementos para concretizar a aspiração de escrever a literatura de seu país, original e nacional.

Diversos os olhares, todos os historiadores, porém, deixam entrever a fragilidade do objeto de estudo: a literatura brasileira. Na verdade, o substantivo, *literatura*, carecia de substância ou não existia, razão pela qual os historiadores preocuparam-se primeiramente com o adjetivo, *brasileiro*. Desse modo, historia-se o fenômeno, antes mesmo de ele possuir vida própria. Em outras palavras, a organização da história literária nacional objetiva assegurar, primeiramente, a existência do patrimônio — o literário — e, em segundo lugar, buscar sua origem, formação e evolução, comprovada sua existência. A historiografia literária, nesse caso, torna-se o olhar abonador da literatura brasileira e, como ela se organiza em torno de um fator — a nacionalidade —, é a história da literatura que concede um estatuto semântico às manifestações literárias no Brasil.

O aspecto mais positivo dessas histórias literárias concentra-se no fato de que foram elas que deram a conhecer ao público europeu e brasileiro as produções poéticas do passado. Mas, sobretudo, foram elas também que indicaram, principalmente através do olhar de Ferdinand Denis, o modelo de composição literária a ser adotado pelas gerações vindouras.

Neste caso, das duas direções que pode tomar a visão — do vago ou ausente para o olhar arguto ou instigante — resultaram conseqüências para o estudo da história da literatura no Brasil e para os caminhos que ela trilharia nos anos subseqüentes.

NOTAS

- ¹⁸ Para o presente trabalho, utilizou-se o texto *História da poesia e eloquência portuguesa*, de Friedric Bouterwek, na tradução de Walter Koch e constante em: CESAR, G. *Bouterwek: os brasileiros na Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*. Porto Alegre: Lima, 1968.
- ¹⁹ Idem, p.33.
- ²⁰ Idem, p.31.
- ²¹ Idem, p.39.
- ²² O texto de Simonde de Sismondi encontra-se em: CESAR, G. *Simonde de Sismondi e a literatura brasileira*. Porto Alegre: Lima, 1968.
- ²³ Idem, p.33.
- ²⁴ Idem, p.35.
- ²⁵ Idem, p.36.
- ²⁶ Idem, p.41.
- ²⁷ Idem, p.41.
- ²⁸ Segundo Wilson Martins, Sismondi registra o tributo em *Littératures*, IV, p.507, fato também anotado por T. Ross, na introdução do mesmo livro em tradução inglesa. V. MARTINS, W. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v.1. p.83-4.
- ²⁹ GARRETT, A. *Parnaso lusitano ou poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos*, ilustrado com notas, precedido de uma história da língua e poesia portuguesa. Paris: J.P.Aillaud, 1826-1827.
- ³⁰ GARRETT, A. *Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa*. In: _____. *Obras completas*. Lisboa: Empresa da História de Portugal, 1904. (Prefaciada, revista, coordenada e dirigida por Teófilo Braga). VII. Prosas.
- ³¹ Idem, p.356.
- ³² Idem, p.356.
- ³³ Idem, p.356.
- ³⁴ Idem, p.356.
- ³⁵ Idem, p.357.
- ³⁶ Idem, p.357.
- ³⁷ Idem, p.357.
- ³⁸ As citações foram retiradas da edição brasileira preparada por Guilhermino Cesar cuja referência é a seguinte: DENIS, F. *Resumo da história literária do Brasil* Porto Alegre: Lima, 1968.
- ³⁹ Idem, p.31.
- ⁴⁰ Idem, p.30.
- ⁴¹ Idem, p.32-3.
- ⁴² Idem, p.33.

⁴¹ Idem, p.32.

⁴² Idem, p.31.

⁴³ Idem, p.50.

⁴⁶ Idem, p.65.

⁴⁷ Idem, p.72.

⁴⁸ Idem, p.79.